

O CRISTÃO EM CASA

Stuart E. Mc Nair

O crente em Jesus é chamado a “*adornar a doutrina de Deus nosso Salvador*” em todos os aspectos da vida. Não é somente em reuniões evangélicas que ele pode honrar o seu Senhor, mas também na loja, na oficina ou na sua própria casa - no seio da sua família. É nesta vida íntima e familiar que está o alicerce de seu testemunho cristão. O campo onde a piedade há de ter a sua primeira manifestação é na casa de cada crente (1 Timóteo 5.4).

Uma família cristã deve ser um foco de luz para toda a vizinhança e esta manifestação da verdade na vida diária será um meio muito eficaz para influir no povo do que a pregação do Evangelho feita de vez em quando.

Seja, pois, a divisa de todo lar cristão: “*Eu e a minha casa serviremos ao Senhor*” (Josué 24.14).

O CÔNJUGE

Antes de estabelecer uma família, é evidente que o homem tem que escolher uma mulher para sua esposa, para partilhar com ela os gozos e as tribulações desta peregrinação terrestre. Tratemos, pois, em primeiro lugar deste tão importante ponto.

Talvez não haja matéria em que o homem esteja tão disposto a seguir a sua própria vontade como nesta escolha. É para rezear que, às vezes, neste passo, de tão suma importância, ele não se lembre de perguntar, com ansiosa solicitude: “Será esta, ó Deus, a Tua vontade para mim?”

E o assunto é para nós ainda mais solene quando nos lembramos de que a união conjugal simboliza a misteriosa relação entre Cristo e a Igreja, como lemos em Efésios 5.

Sendo o número de jovens cristãs bastante limitado, não há muito por onde escolher e o homem é testado a pedir em casamento uma pessoa que não pode realmente satisfazer o eu coração.

É falta de fé da sua parte se assim fizer e forçosamente há de sentir tristeza por isso em toda a sua vida de casado. Melhor lhe teria sido confiar em Deus, lembrando-se destas palavras: “*Estás livre de mulher? Não busques mulher*” (1 Coríntios 7.27) e de que, no primeiro casamento, foi Deus quem trouxe a mulher ao homem (Gênesis 2.22).

A LOUCURA DO “JUGO DESIGUAL”

A primeira qualidade essencial na esposa de um crente é que seja crente também. Dirijo-me, nestas páginas, ao homem, mas é claro que os mesmos princípios e considerações são aplicáveis à mulher na escolha de um marido.

Isto, para quem lê as Escrituras Sagradas, deve ser um ponto tão evidente que nos parece quase desnecessário mencioná-lo, importância que não podemos passar adiante sem insistir na sua observação.

Somos também levados a isto por termos presenciado as funestas consequências do jugo desigual e ouvido mais de um verdadeiro crente lamentar a sua loucura em ter dado tal passo irrevogável em oposição à Palavra de Deus, que diz: *“Não vos prendais em jugo desigual com os incrédulos”* (2 Coríntios 6.14).

Sem discutirmos agora a disciplina divina que há de punir uma vida principiada na desobediência, limitemo-nos a contemplar o espetáculo de dois entes que procuram andar juntos sem, contudo, estarem de acordo (Amós 3.3).

“Pode, porventura, ser felicidade o não teres comunhão de ideias com a mulher que está sempre contigo? Ela desprezando aquilo que te interessa e tu não concordando com as suas preferências? Serás, porventura, um homem feliz quando, ao mesmo tempo que te regozijas com as gloriosas promessas que te têm sido feitas por Deus, sentes que no teu maior gozo está a tua maior tristeza. Isto, é, quando reconheces que aquela que te é mais querida do que a própria alma não se importa com elas? (extraído da carta da Viscondessa de Powerscourt).

E quem pode garantir que a afeição natural, origem de uma tal união, durará a despeito das desinteligências que hão de proceder desta desigualdade? É preferível a mais absoluta solidão a um viver tão infeliz.

Às vezes, porém, acontece que a reflexão só ocorre depois de dada a palavra e, nesse caso, parece impossível evitar a desgraça, embora o casamento ainda não se tenha realizado. Mas isto é um erro e este erro é devido a uma falta de compreensão do lugar que ocupamos como servos de Deus.

Se um escravo, tendo um senhor com direitos sobre ele, promete servir outro indivíduo, não é obrigado a cumprir a sua palavra nem tampouco lhe é permitido fazê-lo. Isso seria dispor do que não é seu.

É assim que também que procede o homem ou a mulher que toma o compromisso de casar-se sem atender à vontade de Deus. Não tem direito de dispor de si e, logo que souber que vai de encontro à vontade de seu Senhor, tem a obrigação de dar o dito por não dito.

É triste notar quantas vezes um crente é enganado por alguém que se serve da capa de cristão somente com o propósito de arranjar casamento. E geralmente é a jovem crente a pessoa enganada por algum homem que apenas assiste às reuniões e diz que é crente.

Porém o dizer que é crente não nos deve satisfazer num assunto tão importante. Quais são as provas que demonstram a realidade da sua fé? Talvez a maneira mais certa de saber se uma pessoa é realmente nascida de novo é observar se ela gosta de conversar a respeito do Senhor Jesus e se consulta a vontade dEle em tudo.

Se uma jovem crente disser a seu noivo: “Não sei se será a vontade de Deus que casemos”, sendo ele crente há de, embora entristecido, pensar seriamente sobre o ponto. Porém, se for incrédulo, é bom possível que insista na sua vontade, não fazendo caso da vontade de Deus.

O VERDADEIRO “JUGO IGUAL”

Um cristão, porém, não pode contar com a bênção do Senhor simplesmente por casar com uma crente qualquer. É preciso que exista entre ambos outro amor além da simpatia que eles, como crentes, nutrem por todo o povo de Deus. Tem que haver um amor especial, particular (como aquele que Cristo dedica à Sua Igreja), uma afeição ardente que os torna absolutamente necessários um ao outro e lhes desperte a ambição de se agradarem mutuamente em tudo.

Com quanto sentido se diz na Palavra que o infinito amor de Cristo pela Sua Igreja é o modelo do amor que deve existir entre o marido e mulher (Efésios 5.25).

Entre incrédulos efetuam-se, às vezes, casamentos pelos mais indignos motivos de interesse e a mulher vem a ser mais uma criada sem ordenado do que o alvo das afeições íntimas do marido.

O amor tem este notável característico: faz desaparecer o interesse próprio. Cristo deu-Se a Si mesmo pela Igreja. Lemos que Isaque, antes

do seu casamento, permaneceu algum tempo em solitária meditação e, realmente, convém estar a sós com Deus bastante tempo antes de tentar a tarefa de mostrar mais um exemplo da intimidade e mútua afeição que existe entre Cristo e a Sua Igreja. É fora de dúvida que “jugo igual” quer dizer mais do que uma união de duas pessoas crentes. Aquela expressão dá a entender que devem ser ambas do mesmo propósito espiritual; que devem estar em condições de se ajudarem uma à outra no Senhor. É este o ponto que merece a maior consideração.

Que felicidade é quando o homem, ou a mulher, o fazer a sua escolha, tem em mira os dotes espirituais da pessoa cuja vida vai compartilhar e não obedece a considerações mundanas, tais como fortuna, formosura ou posição. *“E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma ajudadora”* (Gênesis 2.18).

Temos aqui de notável que, quando não se achava em toda a criação uma companheira competente para o primeiro homem, Deus mesmo se encarregou de suprir a falta, embora para isso tivesse que operar um milagre.

Haverá, talvez, quem diga: “Se Deus não operar também um milagre a meu respeito, ficarei solteiro toda a minha vida, pois vivo rodeado de incrédulos e entre os meus conhecidos não há uma única jovem cristã”. Pois bem, nesse caso continue solteiro.

Tem havido muitos homes que deram a sua vida por amor ao Senhor; não será muito, pois, ficar solteiro pela mesma razão. O Senhor é desprezado e este mundo está em desordem; por isso, nem sempre podemos ter tudo quanto nos parece conveniente.

SEMPRE TERNURA

As relações que tiveram por origem o amor têm de ser sustentadas pelo mesmo sentimento. Depois do casamento é preciso não esquecer as pequenas atenções e amabilidades de outro tempo.

É uma coisa bem triste quando as afetuosas e ternas expressões acabam logo depois das primeiras semanas da vida de casado. Isso faz sugerir a ideia de que o amor foi fingido e uma tal mudança, bastante censurável entre as pessoas do mundo, é ainda mais lamentável quando se trata de cristãos.

Jesus não tem mudado. Apesar do decorrer dos séculos não tem diminuído o Seu amor quer ainda arde, como fogo constante e eterno, e

o seu sentimento se exprime na linguagem do apóstolo Paulo, pelas palavras: *“Eu de muito boamente me gastarei, e me deixarei gastar pelas vossas almas, ainda que amando-vos cada vez mais, seja menos amado”* (2 Coríntios 12.15).

Um beijo à entrada e à saída da casa e uma palavra de ternura em ocasião apropriada são coisas que parecem quase desnecessárias depois de anos de vida conjugal, mas sem estas, e outras coisas mais, constituem as notas musicais que fazem da vida uma harmonia e deixam uma suave consolação no espírito.

Um homem nunca deve pensar que sua esposa mereça menos consideração do que qualquer senhora. Pelo contrário, deve fazer diligência para aumentar suas atenções para com ela à medida que for entrando no conhecimento daquilo que a ela compraz.

Infelizmente, entre alguns casais já desapareceu, há muito, a beleza desta primavera de amor. Os doces sonhos da juventude deram lugar a infinitas amarguras. O futuro sorriu-lhes, mas a sua felicidade nunca se realizou; existe, em vez disto, a desconfiança e o desamor.

Entre cristãos convém que, tendo-se dado um tal estado, este não se prolongue, nem por mais um dia. Qualquer dos cônjuges, sem esperar pelo arrependimento do outro, deve confessar sinceramente a sua própria falta e, unidos em oração, devem pedir novas forças para uma vida mais tranquila no futuro.

Em seguida, vigiando cada um o seu espírito até que a mútua consideração se torne habitual, devem andar juntos no temor do Senhor.

Lembrai-vos, ó maridos, de que, quando as vossas mulheres se vos entregaram para sempre, deixaram tudo o mais que possuíam neste mundo: pais, irmãos e irmãs ficaram em segundo lugar.

Eles, ao porem-se ao vosso lado para seguirdes juntos na peregrinação da vida, fizeram-no esperando achar em vós um amor que compensa-se todas as suas perdas.

O vosso braço deve oferecer-lhes um apoio constante; o vosso coração deve ser um tesouro de afeição para elas; a vossa terna solicitude deve tornar-vos o confidente delas em todas as coisas e deve haver uma tal intimidade entre vós que torne impossível a existência de um único segredo.

O marido, voltando, aborrecido e cansado, de seu trabalho, acha no abraço da esposa uma compensação das fadigas do dia e ela, com a vinda dele, sente um alívio no meio das responsabilidades da vida doméstica.

PERFEITA IDENTIFICAÇÃO

Consideremos mais detalhadamente o que caracteriza esta íntima relação do casamento, lembrados sempre de que a união de Cristo com a Igreja é a medida e exemplo dela.

Pelo casamento ficam duas pessoas unidas por um sagrado e eterno laço. *“Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se juntará com sua mulher, e serão os dois uma só carne”* (Efésios 5.31). Temos aqui muito mais do que uma simples associação; trata-se de uma perfeita *identificação* de pessoas. A mulher não somente pertence ao homem, mas é considerada por ele como fazendo parte do seu ser. *“Quem ama a sua própria mulher, ama-se a si mesmo”* (Efésios 5.28).

Esta profunda verdade bem merece a nossa meditação. Compenetrando-nos de tudo o que ela significa, somos desviados da baixa ideia de que marido e mulher têm interesses diversos e, por consequência, diversos sentimentos.

Pelo contra rio, esta união importa numa perfeita harmonia de interesses. Os cônjuges tudo resolvem e efetuam *juntos*. O marido não toma resolução alguma sem combinar com a esposa e esta consulta-o em tudo.

A mútua simpatia desenvolve, de parte a parte, interesses que outrora não existiam. A mulher presta atenção ao trabalho de seu marido, não por ter adquirido gosto pelo ofício, mas porque é ofício dele. O marido interessa-se pelos serviços domésticos, não por precisar ocupar-se deles, mas porque lhe falam dos pormenores da vida da esposa.

E, em resultado disso, ficam tão familiarizados com os gostos um do outro que se torna desnecessário pedirem - e muito menos com insistência - aquilo que desejam. *“Nós nos entendemos”*, eis como eles experimentam esta unidade de espírito.

Além disso, a esposa considera o marido exclusivamente seu. *“Eu sou do meu amado e o meu amado é meu”* (Cantares 5.3) é a sua linguagem. Para com outros pode ela ter respeito, cuidados e amizade,

mas para com ele existe uma afeição mais profunda, um sentimento especial e particular.

O marido sabe que não há no mundo inteiro pessoa alguma que ocupa no coração dela, o lugar que pertence a ele e, por isso, procura portar-se de uma forma condigna com a sua posição. O que ofende a ela, ofende-o também a ele e o que agrada a ela agrada-lhe a ele igualmente. Ninguém pode tocar num sem que o outro o sinta.

Contudo, pode ser que alguém diga com tristeza, empregando as palavras de Davi: “A minha casa não é tal para com Deus” e chore as suas perdas esperanças de felicidade.

Não me compete discutir aqui as tristes raízes da amargura e dissensão que, às vezes, nascem entre os casais. Limitar-me-ei a dizer que é raro estar a culpa toda de um lado. Felizmente, embora seja preciso dois para armar uma briga, um só pode acabar com ela. Porém a tarefa de restaurar a harmonia interrompida e restabelecer a confiança perdida, não é das que se completam num instante.

São necessários paciência, reflexão, tato, tolerância e também um firme propósito para se consumir, pela graça de Deus, uma coisa tão louvável e desejável.

Mas, às vezes, por um deles se ter mostrado inteiramente indigno de respeito e amor, a infelicidade é tamanha que se chega a desesperar do restabelecimento de uma paz completa.

É preciso, porém, que o outro se lembre que aquele sempre tem direito a honra e bom tratamento que lhe é devido pela sua posição no lar. Achava-me eu assentado à uma mesa uma vez com um velho e fervoroso cristão e com a sua idosa companheira quando ele me disse, falando dela, num afetuoso tom: “Somos casados há cinquenta anos e nunca houve uma desinteligência entre nós!” Ainda mais, o ardente amor da sua mocidade havia-se tornado mais profundo com a velhice!

A LIDERANÇA

O marido é o chefe da casa e tudo lhe deve estar sujeito. É seu dever ter os filhos em sujeição, com todo o respeito (1 Timóteo 3.4) e o da mulher é sujeitar-se ao seu marido (1 Pedro 3.1), cedendo a ele em tudo. Embora a mulher deva estar sujeita ao marido, este deve agir de comum acordo com ela (1 Coríntios 7.5). Mas o amor facilmente resolve tudo.

Infelizmente, alguns irmãos têm trocado estes dois versículos, lendo que o marido deve ter em sujeição a sua mulher! O erro é grave, porque não somente se misturam os versículos, incitando os maridos a se ocuparem de um dever que pertence às suas esposas, mas há ainda o perigo deles se esquecerem da admoestação que se lhes faz: *“Maridos, amai as vossas mulheres, e não as trateis com amargura”* (Colossenses 3.19).

A linda flor da confiança mútua entre casados é tão mimosa que é preciso todo o cuidado para não a machucar. Não é à força de leis e mandamentos que se podem reger as relações conjugais, mas voluntariamente e de comum acordo, bastando que um manifeste o seu desejo para que o outro concorde da melhor vontade. A linguagem do verdadeiro amor é manifestada por estas palavras de Jônatas: *“O que disser a tua alma eu to farei”* (1 Samuel 20.4). O marido reconhece e aprecia a sujeição que a esposa mostra perante a sua vontade, mas, por isso mesmo, a trata com a maior consideração. As desinteligências que a discussão não resolve podem desaparecer durante a oração dos dois.

Quando, a pesar de tudo, houver uma diferença de opinião, é o amor que tem que vencer. E o amor vence quando nem a razão e nem a autoridade o podem fazer.

Um homem, por exemplo, vê-se obrigado a mudar-se para uma casa mais humilde e sua mulher dificilmente concorda com isso. Afinal, ele de tal maneira a convence com o seu amor, que ela diz: *“Estou pronta a ir para qualquer lugar, se for contigo”*. O amor é o mais forte de todos os motivos.

Quando houver casos que exijam a emenda da parte de um ou de outro (o que não é para admirar, sendo nós, como somos, todos imperfeitos), quão importante é a maneira de se fazer essa emenda!

Quanto pode efetuar uma palavra afetuosa, selada por um abraço e um beijo, em casos em que uma amarga queixa ou uma dura repreensão somente produzem irritação ou mútuo desamor!

O LAR

O marido é considerado como chefe da casa, mas é a mulher que preside a todos os detalhes do serviço doméstico (2 Timóteo 5.14). É a sua esfera de ação e o marido dá-lhe toda a liberdade no governo do lar.

Visto que é a esposa que deve governar a casa, ela não deve ceder o seu lugar à sogra ou a outra parente. O marido deve cuidar que a mulher ocupe a posição que lhe pertence.

De um ajuntamento de famílias quase sempre resultam desavenças e, se a dona da casa entrega a outros aquilo porque é responsável, perde a sua força moral.

Deve haver uma diferença de aspecto não somente entre os filhos de Deus e as pessoas deste mundo, mas até mesmo entre as casas de uns e as casas de outros.

O estado de algumas casas onde o Evangelho ainda não penetrou é deveras lastimável. As paredes estão por vasculhar, o assoalho nunca é lavado e por todos os lados reina o desalinho. E, o que é pior, a desordem e a imundície refletem-se no ânimo das crianças em tão tristes condições.

Que admirável contraste não se nota numa casa regida no verdadeiro espírito cristão! Embora pobre e humilde, está sempre asseada e em ordem. Tudo quanto a água e o trabalho podem conseguir faz-se para tornar a humilde habitação “digna do Senhor”, que é a honra com a Sua presença. A família acostuada desde os primeiros anos ao asseio, afeiçoa-se a ele e põe-no constantemente em prática.

A mãe deve, pelo preceito e pelo exemplo, procurar imprimir em seus filhos um verdadeiro sentimento da beleza, da saúde e do asseio, quando aliados ao ornamento de um espírito manso e quieto (1 Pedro 3.4) e mostrar-lhes que tais coisas são mais preciosas aos olhos do Senhor do que os vistosos enfeites de fitas e joias.

Além disso, os vizinhos não deixam de reparar nos efeitos materiais do Evangelho e a influência desta religião prática é deveras notável. Mas não é somente no seio das famílias que se pode dar este testemunho; o homem solteiro pode cuidar do seu quartinho tanto quanto a pessoa casada pode cuidar de sua casa.

A ordem e a regularidade devem predominar na família cristã; cada coisa deve ter o seu lugar e ser feita a seu devido tempo, compenetrando-se todos dos seus deveres. As crianças devem apresentar-se à hora da comida com o devido asseio e respeito, tanto na casa mais pobre quanto na mais rica.

OS FILHOS

Temo-nos ocupado dos cônjuges e do lar conjugal. Ocupemo-nos agora das crianças.

Lemos que “os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre seu galardão” (Salmo 127.3) e é sob esse ponto de vista que os devemos considerar: não como dom da natureza, mas como uma herança que traz responsabilidade para os pais. Um privilégio concedido pelo Senhor. Constituem, realmente, uma bem solene responsabilidade, visto que eternos interesses se ligam a ela!

Muito convém aos jovens pais orarem com instância, pedindo a sabedoria necessária para criarem seus filhos na doutrina e admoestação do Senhor (Efésios 6.4), tendo em vista, não somente o futuro deles, mas a sua influência obre outros e a ceifa da sua sementeira.

Quem poderá dizer qual será o futuro da pequena criatura que dorme no berço? Dará à sua vida honra e satisfação ao Senhor? Que consolação aos pais, se assim acontecer! Antes, porém, que isto venha a realizar-se, anos de cuidado e de paciente ensino são necessários!

Há uma inteligência a desenvolver, uma vontade a subjugar, uma consciência a iluminar com a luz do Evangelho, vacilantes passos a guiar com segurança através de um mundo cheio de perigos e um espírito a revestir da armadura divina, fim de poder lutar com vantagem contra inimigos espirituais.

O EXEMPLO DE DEUS

Aprenderemos a educar bem as crianças, estudando o proceder de Deus para com Seus filhos. Vemos que uma das primeiras e fundamentais lições é que o mal acarreta consequências desagradáveis e o bem produz um resultado feliz.

O próprio interesse individual ensina ao crente, desde o princípio, que é melhor praticar o bem do que o mal. Deus, porém, em breve lhes ensina pelo Seu amor um motivo mais elevado: a saber, o amor.

Nesta conformidade, o pai é incansável em mostrar, de mil maneiras, a afeição que nutre pelos filhos, contando que ela há de produzir neles um análogo sentimento, que facilitará todo o seu trabalho educativo.

A primeira lição a aprender, tanto na escola humana como na divina, é a *obediência*; uma obediência mesmo alegre. Neste ponto os

pais têm de se portar com toda a firmeza, pois que é uma coisa essencial na educação de seus filhos.

O pai não deve admitir a alternativa de ser obedecido ou de infligir castigo, como se depende-se desta frase: “Faça o que eu lhe digo e, se não, você vai apanhar”. A obediência não tem alternativas.

Uma mãe, quando acostuma o filho a ouvir dizer, a toda hora, que é um menino péssimo, que ela, a mãe, não tem poder sobre ele, ... ministra-lhe a pior de todas as fórmulas de ensino. Ouvindo falar insistentemente na sua maldade, a criança compenetra-se dela, ao mesmo tempo, perde a esperança de tornar-se melhor.

A mãe daria uma prova de mais juízo se mostrasse uma certa surpresa quando o filho pratica o mal e, em vez de o proclamar incorrigível, dissesse: “Hoje te portaste mal, é verdade, mas de hora de diante espero que seja um menino obediente”.

A criança, ouvindo isto, cobraria ânimo e esforçar-se-ia por mudar de conduta.

A DISCIPLINA

Em geral, um pai mostra a sua fraqueza quando tem de governar seus filhos pela força. Uma palavra de repreensão deveria bastar na maioria dos casos. Às vezes, porém, é necessário recorrer ao castigo a fim de mostrar a relação que existe entre o pecado e o sofrimento e, em tais casos, o pai precisa vigiar bem o seu próprio espírito.

Deve proceder com serenidade e não como que enraivecido. Deve chamar a atenção da criança para o caráter do delito, obrigando-a a confessar-se culpada e merecedora do castigo que, em proporção com a ofensa, logo lhe será aplicado.

Tal forma de disciplinar, calma e solene, embora a sua aplicação seja mais demorada, produz um resultado infinitamente melhor do que uma palmada ou um murro dado em um momento de irritação. Há pais que castigam mais os filhos quando furtam cem reais do que quando furtam uns centavos, mas isso é um erro porque a culpa é a mesma em ambos os casos.

Os pais podem aprender, por exemplo divino, qual é a disciplina mais forte e eficaz. Não consiste, por certo, num castigo violento, mas sim, num meio, como muitos dos meios divinos, silencioso e especial.

Falo da *comunhão interrompida*, que é muitas vezes o meio que Deus emprega para corrigir Seus filhos. Eis ao alcance de todos os pais um poderoso meio de dominar seus filhos: porém é preciso tornar a comunhão destes com eles uma coisa tão agradável que a sua suspensão lhes importe num penosíssimo desgosto.

Uma mãe disse numa ocasião a seu filho que não ia mais falar com ele enquanto não se mostrasse arrependido de um certo delito.

Tratou-o com um constante carinho e prodigalizou-lhe os costumados cuidados, mas não lhe dirigia palavra. As horas passadas assim em tão dura disciplina são as mais penosas que aquele filho se recorda de ter passado e ele escreve estas linhas recomendando ao leitor um expediente cuja eficácia conhece por experiência própria.

Um pai deve, na verdade, sentir uma grande tristeza de espírito quando necessita corrigir a seu filho. Acha-se em presença dos primeiros frutos do pecado, que ameaçam o futuro inteiro da criança.

O pai deve sempre ter em vista que o seu fim não é somente emendar os atos dos filhos, mas influir no seu espírito. Não se deve contentar com uma obediência exterior, estando o coração muito longe da sujeição.

Que ele procure, sobretudo, mostrar que castiga por dever e não por prazer, para que a criança não fique abrigando no seu espírito um ressentimento contra ele.

O PAI: O AMIGO

O pai tem que procurar por todo os meios tornar-se o amigo íntimo e o confidente de seus filhos. É lamentável o descuido que se observa a este respeito. Muitos pais imaginam que o seu dever consiste apenas em corrigir e jamais tratam de ganhar e reter a afeição das crianças confiadas ao seu cuidado.

E o pai deve tornar-se não somente o confidente, mas o *companheiro* dos filhos. Deixando, de vez em quando, as preocupações dos negócios sérios, convém que brinque com as crianças, não obedecendo a um sentimento egoísta que o leve a procurar o seu próprio divertimento, mas querendo impressionar os filhos com a ideia de que o pai é o mais agradável dos companheiros e afastá-los assim das más companhias.

É aqui, porém, que se torna necessária uma palavra de advertência. É justamente neste inocente divertimento que, às vezes, se semeiam os princípios da má conduta. Uma mentira, uma falta de respeito, ou uma desobediência não se deve tolerar, mesmo no, meio das brincadeiras. Que o pai cuide em não se tornar desprezível aos olhos de seus filhos.

Há, contudo, pais que quase não fazem mais do que brincar com os filhos, imaginando que o seu dever consiste apenas em entretê-los e fazê-los rir. O efeito de tal procedimento durante os primeiros anos é deplorável. A criança vive numa atmosfera de frivolidade sem se acostumar a qualquer consideração séria e não é de estranhar que, chegando à idade adulta, seja frívola e leviana.

O PAI: O EXEMPLO

A conversa dos pais é a parte mais importante da educação das crianças e, em vez de tratar somente de criancices, o pai deve procurar desenvolver o interesse e a reflexão de seus filhos em assunto de uma certa importância.

Esta confiança é sobremaneira apreciada pelas crianças que realmente precisam exercer as suas faculdades de raciocínio tanto quanto as suas forças físicas. O pai poderá desenvolver em seu filho o costume de observar e refletir quando, ao passear com ele, chamar-lhe a atenção para diversos objetos que encontram e conversar com ele sobre seu uso.

Por que é que tão raramente vemos uma criança seguindo ao Senhor de todo o seu coração? Acaso será isto mais difícil a uma criança do que a um adulto? Ou será porque o espírito não ajuda os meninos? Creio que, muitas vezes, o problema está com os pais, que não se entregam à tarefa de desenvolver as afeições espirituais de seus filhos, ganhando-lhes a confiança e interessando-se nas suas provações e dificuldades.

Imaginam que o seu dever se limita a obrigá-los a decorar alguns versículos da Bíblia, sob pena de castigo, e não reparam que, por consequência, o espírito da criança fica enfasiado do Livro, quando, pelo contrário, se deveria habituar a amá-lo e a reverenciá-lo.

Não será sem trabalho, nem sem muita oração, que os pais cumprirão em todo o seu amplo sentido a tarefa de criar os seus filhos “na admoestação do Senhor”, mas a recompensa está indicada nesta

promessa: *“Ensina a criança no caminho em que deve andar e ainda quando for velho não se desviará dele”* (Provérbios 22.6).

Não desejamos, de modo algum, ver os meninos sem os sentimentos e pretensões próprios de sua idade, nem aprovamos o pai que repreende um filho por causa de sua atitude infantil.

É ridículo ver um menino imitar as maneiras de uma pessoa adulta e se, como diz Salomão, *“há tempo para rir”*, esse tempo pertence aos anos da mocidade. Apesar disso, porém, não podemos imaginar que uma sincera afeição ao Senhor Jesus seja impossível de existir numa criança.

Em muitos casos, os primeiros 15 ou 16 anos pouco valor têm quando, espiritualmente considerados. Porém, se a vida espiritual principiar uns dez anos mais cedo do que o costume, não será, porventura, de esperar um desenvolvimento maior no futuro?

E que futuro esperais seja o de vosso filho? Eis uma solene pergunta dirigida aos pais. Quereis que ele seja um vulto importante neste mundo, ou um fiel servo de Deus? Os vossos sonhos a respeito dos filhos são de riquezas e felicidade cá em baixo ou de vidas dedicadas ao serviço do Mestre, sem preocupações com a opinião do mundo?

Uma criança é, por natureza, sensível e generosa. Muito brevemente, porém, poderá o seu espírito ficar endurecido pelo contacto com este mundo egoísta e não devemos, pois, zombar dos sonhos poéticos da juventude, mas procurar, antes, dirigir a corrente dos seus sentimentos para um ardente amor ao bem e um profundo ódio ao mal.

Uma senhora piedosa disse numa ocasião que tinha por costume, à noite, depois de seus filhos se deitarem, aproximar-se do leito deles e, assentada à sua cabeceira, conversar particularmente com cada um acerca das ocorrências daquele dia, ouvindo-os confessar as suas faltas e friezas e dando-lhes conselhos apropriados. Deste modo conseguiu ganhar a inteira confiança de toda a sua prole, com satisfação de ambos os lados, continuou a tal prática até serem adultos.

Esta confiança, tão apreciável, não se alcança sem uma verdadeira simpatia e interesse, mas a fadiga será ricamente recompensada mais tarde pela ardente afeição e o sincero respeito dos filhos para com seus pais.

O pai deve procurar refletir-se a si mesmo na família. Conheço pais que não oram, mas ensinam seus filhos a orar. Que fumem, mas até

proíbem seus filhos de fumar; que bebem, mas que negam aos filhos o vinho.

Mas não é assim que Deus procede para conosco. Ele procura ver a Sua semelhança nos Seus filhos, como diz a palavra apostólica: “*Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados*” (Efésios 5.1). E podemos afirmar com toda a convicção que o exemplo tem mais influência do que as palavras.

A EDUCAÇÃO

O pai não deve descuidar jamais da educação de seus filhos; pelo contrário, deve animá-los a estudar com zelo, falando com eles sobre os seus estudos e sobre seus colegas, prestando auxílio nas suas dificuldades e louvando o seu progresso. Deve influir em seus espíritos o desejo de se distinguirem, não por motivos de ambição e vanglória, mas no espírito da Escritura: “*Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças*” (Eclesiastes 9.10).

E nisto também o exemplo do pai ou da mãe tem grande influência. De Jesus diz-se que “*Ele tudo fez bem*”. O trabalho descuidado é impróprio em uma pessoa que procura agradar ao Senhor. É assim que ele pode enobrecer as humildes ocupações da vida e os deveres domésticos, tanto quanto os estudos da escola, fazendo tudo para a glória de Deus.

À medida que os filhos vão crescendo e pondo-se em contacto com o mundo, o pai tem que preveni-los particularmente dos perigos carnis que ameaçam a juventude.

Existe um lamentável descuido a este respeito e o pior é que pessoa estranha alguma pode fornecer os esclarecimentos que o pai deixa de prestar. Sucede que se iniciam, pela conversa de maus companheiros, nos vícios do mundo, sem serem avisados das suas terríveis consequências.

O pai tem que pensar a fundo nos perigos, tanto espirituais quanto físicos, que ameaçam seu filho e, junto com ele em oração, rogar a Deus que o conserve puro. As Sagradas Escrituras proporcionam um ensino apropriado a este assunto em Provérbios 5 e 7; Salmo 119.9; 1 Timóteo 4.12; 5.22,...

Nunca se deve dizer a uma criança que o pai é mentiroso. Se este a engana, mesmo por brincadeira, ela começará desde esse momento a

desconfiar da sua palavra. Deve, pelo contrário, educar a família numa atmosfera de verdade, de sorte que os filhos considerem os pais incapazes de mentir ou enganar.

Por este motivo precisa ter cuidado com as suas promessa, ou de castigo, ou de galardão. Uma vez feitas, deve cumpri-las.

A educação consiste em muito mais do que a mera instrução. A conversa dos pais e dos frequentadores da casa têm muita importância no desenvolvimento da inteligência e do caráter das crianças.

Não menos importantes são as circunstâncias das suas vidas. Para elas o campo é melhor do que a cidade, por ser ali o espírito mais impressionado pelas obras de Deus do que pelas dos homens.

Uma casa imunda gera um espírito imundo na criancinha nela criada; pais desordeiros não podem ter filhos pacíficos e pais que gritam com os filhos ensinam os filhos a ser barulhentos. Circunstâncias exclusivamente materiais não prestam para desenvolver os sentimentos mais elevados da alma. Sem imitar o luxo do mundo, os pais cristãos devem tratar de adornar a sua casa de uma maneira simples, dando-lhe um certo embelezamento, uma certa graça.

Um ramo de flores sobre a mesa de jantar afigura-se a algumas pessoas, quase sem influência ou valor, mas é mais do que provável que exerça um efeito benéfico nos impressionáveis espíritos das crianças.

Um jardimzinho tem valor também e serve para nutrir os sentimentos poéticos e uma verdadeira apreciação do belo.

Há, porém, uns objetos de ornamentação que todo cristão deve banir das paredes de sua casa, considerando-os impróprios dos filhos e de Deus. Refiro-me aos quadros ou gravuras que, sem serem indecentes, não representam aquilo que é agradável aos olhos de Deus.

Tenho visto muitas vezes nas casas dos cristãos figuras de mulheres impropriamente vestidas e com um aspecto imprudente que mal se harmoniza com o adorno incorruptível de um *“espírito manso e quieto, que é de grande valor diante de Deus”* (1 Pedro 3.4).

Os filhos assim induzidos a darem apreço ao mal, aprendem ao mesmo tempo a desprezar a sua mãe, por não apresentar um tal aspecto.

CONSELHOS PARA TODOS

Talvez alguém se lembre de dizer: Os conselhos que o senhor dá podem servir de muita utilidade para aqueles que estão no princípio da vida de casados, mas com a família que eu já tenho não me é possível seguir esta orientação. Eu não posso agora impor a minha autoridade aos meus filhos enquanto o poderia ter feito quando pequenos.

Há, sem dúvida, pessoas que se acham nesse caso e os pais que estão nestas condições necessitam de que Deus lhes conceda uma aptidão especial para atenuarem as más consequências que, inevitavelmente, resultam da sua falta de educar os filhos “*na admoestação do Senhor*”. Na verdade, não se pode empregar com os moços os mesmos meios que se colhe de bom quando aplicados a criancinhas.

A autoridade do pai deve, nos primeiros anos, ser rigorosamente mantida: os meninos prestando às suas ordens uma obediência cega e sem hesitações. Compete ao pai, e não à criança, ajuizar do que é bom e do que é mau.

Mais tarde, porém, o moço tem obrigação de saber fazer os seus juízos: de discernir o reto do condenável, escolhendo, por si próprio, o bem e repelindo o mal.

Compete então aos pais dar-lhe *conselhos e não ordens* e o seu poder não consiste na autoridade, mas sim na influência moral. Considera, leitor, o que se pode concluir da palavra *influência*. Ela tem, na verdade, uma grande riqueza de sentido. Influência significa poder moral e, de todas as forças que se conhecem, é esta a maior.

Para se ter influência é mister alcançar-se confiança e para alcançar-se confiança é mister mostrar simpatia.

Não há outro meio. E quem pode assistir ao desabrochar de uma vida juvenil sem sentir a mais profunda simpatia pelas suas ardentes esperanças e aspirações? Quem pode observar a formação do caráter e não se sentir intensamente interessado no seu desenvolvimento?

Os teus filhos, leitor, à medida que crescem, irão talvez sentindo o desejo de ver que se passa por este mundo e assistir aos seus divertimentos. É chegada então a ocasião de procederes com eles com o maior tino. Evita o manifestar-lhes os teus desejos sob a forma de ordens, mas dizer-lhes o que agrada tanto a ti como a Deus.

Previne-os dos costumes do mundo e do seu fim; mas, no caso de eles insistirem em provar os seus efêmeros gozos, desprezando os bons conselhos paternos, não os abandones tu por este fato.

Que eles sintam, quando depararem na amargura do seu engano, que ainda lhes resta o coração de um pai para onde se podem voltar e um beijo paternal de perdão que podem experimentar. Algumas das mais duras lições da vida são ensinadas pela experiência e é impossível pôr uma cabeça de velho sobre os ombros de um rapaz. Uma coisa que também produz as mais lamentáveis consequências é o fato do pai de família se ausentar dos seus por um considerável espaço de tempo, a fim de procurar trabalho em terras longínquas. Uma grande necessidade pode, às vezes, tornar forçoso um tal passo, mas devem-se fazer todos os esforços para evitar tão lamentável acontecimento.

Não é bom para o homem estar só, como lemos em Gênesis, e para a mulher não é melhor do que para ele que isso aconteça; é necessário atender ao conselho do apóstolo: *“Não vos defraudeis um do outro, senão por consentimento de ambos, por algum tempo, e depois ajuntai-vos outra vez, para que Satanás vos não tente pela vossa incontinência”* (1 Coríntios 7.5).

O pai deve ser o constante companheiro e guia de seus filhos desde a infância até a idade adulta; mas que terrível descoberta ele fará quando, após uma prolongada ausência, observar que os filhos não sentem a falta dele; que sua presença não é tida como necessária no seio de sua família.

O CULTO DOMÉSTICO

É muito comum em famílias cristãs a prática do que se chama “culto doméstico”, que consiste na leitura da Bíblia e na oração.

Esta prática é de suma importância. Em muitas casas lê-se um capítulo da Bíblia e faz-se logo oração, sem se deixar tempo algum para ponderar no sentido das palavras lidas. Não devemos imaginar que a mera leitura tenha valor algum, a não ser que o sentido do trecho seja apreciado e o seu ensino posto em prática.

É necessário que todos os que sabem ler se achem munidos de Bíblias e convém que cada um leia uma parte da passagem escolhida. Deste modo, a atenção de todos concentra-se no assunto e não há ocasião para distrações como às vezes acontece quando um lê para os outros ouvirem.

O chefe da família deve insistir em que leiam bem, em voz alta e com a devida atenção à pontuação e pronúncia.

Em seguida, o pai faz perguntas, quanto mais simples melhor, para verificar que todos entenderam o que se tem lido e acrescenta algumas observações com respeito ao ensino espiritual que se encontra no capítulo e a sua aplicação à vida e circunstâncias da família.

Sendo possível, seguir-se-á um hino e depois uma oração, na qual se pedirá a bênção de Deus sobre os trabalhos do dia. Às vezes, algum dos meninos ora no culto doméstico.

A hora mais própria para este culto é apela manhã cedo, por exemplo, logo depois do café. Sendo o pai obrigado a sair mui cedo para o seu trabalho, é à mãe que cabe este dever; no entanto, muitos há que o fazem à noite.

A oração familiar, porém, não deve de maneira alguma substituir a oração particular. Ao deitar-se e ao levantar-se, cada criança deve fazer sua oração, na sua própria linguagem. Os pais também necessitam de estudar a Palavra em particular e de orarem juntos.

Nesta matéria é conveniente cultivar a maior intimidade e habituarem-se ambos a apresentarem unidos as suas comuns necessidades perante o trono da graça. Sem este costume não é possível existir um perfeito acordo e harmonia em qualquer lar doméstico (1 Pedro 2.2).

A VIZINHANÇA

O assunto dos vizinhos e das visitas exige também a nossa consideração. As nossas relações com o próximo podem ter resultados importantes perante Deus e, em todo caso, pertencem ao nosso testemunho no mundo.

É assim que temos ocasião, pela manifestação da verdade, de nos recomendar à consciência de todo homem, perante Deus.

O cristão não pode conviver com o vizinho incrédulo com a mesma intimidade que mantém com seus irmãos em Cristo, mas pode servir-lhe de bom exemplo, dispensar-lhe uma sincera simpatia e, em caso de necessidade, prestar-lhe o seu auxílio.

O método e o espírito com que nós fazemos o trabalho quotidiano não deixa de influir sobre os nossos vizinhos.

Ouvi de uma pessoa que foi ter com uma senhora cristã, sua vizinha, a fim de averiguar o motivo do seu aspecto alegre e tranquilo e,

do mesmo modo, podemos dar um testemunho semelhante. Não é baixando ao seu nível que lhes seremos úteis, mas sim, mostrando no nosso procedimento uma vida mais elevada do que a deles.

De visitas, pouco tenho a dizer, além de duas palavras de advertência. É preciso cuidado em falar com certas visitas na presença das crianças da casa, ou em permitir que tais visitas conversem com elas.

Com meia dúzia de palavras qualquer pessoa de fora desfaz o ensino de meses. Estas frases: “Que bonita criança” ou “Que lindo vestido” servem para semear os princípios da vaidade no coração e, da mesma maneira, confissões da parte da mãe como “É um menino muito travesso”, “Não posso aturá-lo”, “Não há quem o obrigue a ficar quieto” não somente acostumam a criança a considerar-se incorrigível, como lhe dão a entender que a mãe não tem poder sobre ela.

Para evitar estes inconvenientes, cuja importância não é possível exagerar, convém fazer com que as crianças raras vezes se encontrem na presença de visitas e mandá-las para fora da sala logo que a conversa se lhes torne prejudicial.

O cristão deve, já se vê, ser cortês com todas as visitas, mesmo com os incrédulos que forem à sua casa, mas não deixará de ter todo o cuidado quando a sua conversação pretenda, direta ou indiretamente, reprová-lo quanto seja do pecado.

Deste modo, ver-se-á livre daqueles que amam o mal e evitará que na sua casa o escândalo seja o assunto da conversa.

“*A amizade do mundo é inimiga de Deus*” (Tiago 4.4) e o cristão, ainda que sinta uma infinita compaixão pelo seu próximo, não deve contrair intimidades com aqueles que não são amigos de Deus.

Se estas páginas servirem, de algum modo, para facilitar a aplicação dos princípios do cristianismo à vida e prática dos cristãos, o autor delas considerar-se-á amplamente recompensado.

.oOo.